

O desenvolvimento da miséria e do subdesenvolvimento nos anos 50 em São Paulo - As anotações de Carolina Maria de JesusLívia Duarte **BARBOSA**¹

Carolina Maria de Jesus, uma mulher pobre e favelada, a futura autora de *Quarto de despejo*, perambulava pela cidade de São Paulo, em fins dos anos 50, catando lixo para sobreviver. Sai cedo de casa, procura nos lixos da "sala de visitas" uma forma de sobrevivência, volta a seu barracão na favela do Canindé, e mesmo com todos os contratempos, consegue tempo e disposição para relatar seu dia-a-dia.

Observadora atenta aos movimentos e mudanças que aconteciam ao seu redor, como a migração de nordestinos para a favela e a constante alta dos preços, nos deixa relatado, mesmo sem que este seja seu principal objetivo, as transformações que a cidade de São Paulo passava naquela segunda metade da década de 50.

Em seu diário, que relata sua vida nos anos de 1958 e 1959, não há fato considerável que escape de suas palavras, de seu registro e de suas críticas. Ninguém sai ileso neste "julgamento", Juscelino Kubitschek, Adhemar de Barros, o Serviço Social, os atacadistas, a polícia, o serviço público e claro, seus vizinhos, são todos alvos das palavras e das observações de Carolina.

E quando Carolina nos relata que "... Os preços aumentam igual onda no mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões", não passa de mais um simples relato, ou um desabafo de alguém pobre que nunca saberá como vai se prover no dia seguinte. Esta frase revela muita coisa, sobre os rumos que o Brasil ia tomando naquela época.

Estas críticas não eram sem fundamento, nem somente fruto da natureza moralista da autora, apesar de não saber qual era a seqüência lógica dos fatos que

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela FFC/UNESP, participou do Seminário "um olhar sociológico sobre *Quarto de despejo*."

atingiam a população, ela sentia ali nos seus dias e na ausência de comida, as cruéis conseqüências das políticas desenvolvimentistas que estavam sendo implementadas no país, e especialmente em São Paulo pelo Governo Federal e Municipal.

“Antigamente, isto é de 1950 a 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando mais causticante”. A autora fez parte de um momento histórico em que São Paulo foi o centro motor do projeto de industrialização que estava sendo implementado no país pelo presidente Kubitschek, testemunhando a onda de desenvolvimento rápido e desordenado pelo qual a cidade passava, relatando e criticando tudo o que vê em sua volta, tornando-se um documento vivo através de seu diário.

Iremos focar desta maneira apenas três aspectos que Carolina apresenta o tempo todo no livro e que foram os principais atores do cenário da época: Juscelino Kubitschek e seu plano de metas, a inflação decorrente deste e o grande fluxo migratório para a capital paulista, pois assim, poderemos entender porque a vida dos favelados foi ficando mais *causticante* enquanto os anos iam passando.

“São Paulo, a cidade que mais cresce no mundo”, este era o slogan da cidade da garoa quando em 1954, completava 400 anos. Era uma exaltação das maravilhas paulistanas, suas conquistas, suas indústrias, suas ruas sendo cada vez mais modernizadas, bondes da Light circulando pelo centro, luzes elétricas, costumes sendo modificados que iam culminando na construção do "modo paulista de ser".

Mesmo não tendo o objetivo de caracterizar todas as verdadeiras faces do crescimento de São Paulo, e sim apenas destacar as glórias paulistanas, o slogan retrata exatamente o período pelo qual a capital paulista passava. Pois não era somente as ruas, o comércio e as indústrias de São Paulo que cresciam era também a fome, a falta de estrutura habitacional para abrigar o número cada vez maior de imigrantes, os salários baixos, os preços altos, o crescimento da favela e da miséria que aumentam ano a ano.

O grande salto industrial que São Paulo deu na segunda metade dos anos 50 deveu-se principalmente às novas políticas desenvolvimentistas implementadas no país com a ascensão de J.K. na presidência da república.

O mineiro Kubitschek assumiu o governo federal em 1956 e ficou até 1961. Foi o presidente que decidiu pôr de vez o Brasil na lista dos países industrializados do mundo, custasse o que o preço que fosse.

Até então, o país contava com uma estrutura industrial já bastante ampla, fruto das políticas de estímulo à indústria de Vargas, e o setor industrial já era o setor dinâmico da economia brasileira, todavia, nossa industrialização não era completa, por não ser totalmente internalizada, nem simétrica. Ou seja, nós não tínhamos ainda força interna suficiente para levarmos com autonomia os rumos de nosso desenvolvimento industrial. Para a expansão da capacidade produtiva, precisávamos necessariamente da importação de bens de capitais (máquinas e equipamentos), e de uma urgente estruturação dos setores chaves da economia (energia e transporte) para que pudéssemos ser provedores de nosso desenvolvimento.

E é com o objetivo de mudar definitivamente as estruturas produtivas do Brasil, e fazer com que ele pudesse se inserir melhor na divisão internacional do trabalho, passando à lista dos países industrializados e desenvolvidos que Kubitschek junto com sua equipe econômica, instituiu o Plano de Metas em 1957 e que teria seus resultados alcançados ou ao menos planejados até 1961.

Este plano consistia, basicamente, num bloco grande e concentrado de investimentos em setores específicos da economia brasileira, para que se construísse e se estruturasse aqui no país a indústria de bens de consumo duráveis, focando principalmente para a indústria automobilística, que era a "menina dos olhos do presidente".

Para tanto, foi planejado também grande investimento na parte de infraestrutura, como o aumento da capacidade petrolífera e elétrica instaladas, e da construção de um novo sistema de transporte, que pudesse dar sustentação à nova indústria do país, ou seja, o transporte rodoviário. Além do mais, o Plano de Metas ainda contava com a construção de uma nova capital, Brasília, mais moderna e capacitada para ser representar a nova face brasileira.

Estes três pilares da política econômica de Kubitschek foram muito criticados pelos movimentos de esquerda da época e, posteriormente, pelos economistas. Tais críticas tinham profundas razões de ser no contexto da época. A primeira delas, o fato do estímulo à indústria ter sido focado no setor de bens duráveis e não bens de capital, com destaque para a indústria do automóvel, teria ocorrido porque o governo federal e sua equipe econômica puderam perceber que existia no Brasil uma forte demanda por

bens de consumo duráveis por parte da burguesia, fruto da grande concentração de renda que vinha acontecendo no Brasil desde da época da cafeicultura.

Segundo, porque conseguiram perceber uma mudança que estava ocorrendo na economia internacional, caracterizada pela forte exportação de capitais provenientes de empresas transnacionais principalmente norte-americanas, que vinham aos países periféricos com um parque industrial mais ou menos estruturado, ávidos a investir e obter altos lucros, os tubarões que Carolina nos relata em seu diário.

Ou seja, o núcleo do Plano de Metas era a instalação da indústria de bens de consumo duráveis, um padrão de desenvolvimento que seria instituído às custas da entrada de um grande montante de capitais externos, tanto na forma de investimento direto, quanto na forma de empréstimos. Podemos perceber que em 1949 a entrada de Investimentos Externos Diretos, correspondia a 44 milhões de dólares, já em 1959, o valor destes investimentos saltaram para 158 milhões de dólares.

Uma política desenvolvimentista que acentuava ainda mais os desequilíbrios da economia brasileira, gerando uma estrutura econômica muito desbalanceada, e que agravava a já forte concentração de renda existente no país, aumentando pobreza dos que já eram pobres.

As conseqüências destas políticas desenvolvimentistas, em parceria com o capital privado, resultou num um grande desequilíbrio nas contas externas e no balanço de pagamentos, aumentou a dívida internacional com o FMI e outras instituições financeiras, e tornou o Brasil mais dependente tecnologicamente dos países centrais, principalmente dos EUA.

Internamente, as conseqüências refletiram diretamente sobre a qualidade de vida das pessoas, pois quem pagou pelas políticas do governo, que priorizava uma elite, foi a população trabalhadora brasileira, que teve que lidar com o constante arrocho nos salários, que não conseguiam acompanhar nem a produtividade, nem a produção e, conseqüentemente, nem a inflação, o maior pesadelo de Carolina e de todo Brasil na época. O índice geral dos preços elevou-se de 7% em 1957, para 24,3% em 1958, e chega em 1960 a 29,5%.

A situação tornou-se difícil nesta época para trabalhadores assalariados que, de uma forma ou de outra, ainda tinham a opção de organizarem-se e fazerem pressão para que os salários subissem. Mas como ficou a situação para uma favelada como Carolina

que dependia da venda do que achava no lixo e dos restos destes mesmos trabalhadores para sobreviver?

Situação deprimente que fica clara para nós quando Carolina nos relata que “... Os preços aumentam igual onda no mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões”.

O cruzeiro teve uma desvalorização que bateria qualquer média anterior, e com o tempo só foi aumentando, e enquanto Carolina lutava para poder comprar um saco de feijão, artigo que se tornou caro no país, as transnacionais exportavam para as sua matriz no exterior, montantes incalculáveis de capitais. Dinheiro fruto da exploração do nosso povo.

Carolina não esconde sua decepção quando nos desabafa que: "Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos."

Esta situação só vai agravando ainda mais todas as condições sociais que vêm se apresentando na cidade de São Paulo, e no Brasil. Contudo, a cidade não podia parar, o ritmo frenético de crescimento não tinha como esperar, mesmo com todas as desigualdades, assimetrias, mesmo que fosse um crescimento que não se destinasse a todos. Muito ao contrário, a renda foi continuamente se concentrando nas mãos de uns poucos que passaram a gerir o país da forma que melhor atendesse aos seus interesses e a capital paulista crescia com dados impressionantes. Não é a toa que Carolina perceba o nosso desenvolvimento como uma involução “... para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade”.

Contudo, São Paulo, toma ares de modernidade, aumentam o número de fábricas, ruas, estradas, cafés, cinemas, transformando-a em um novo território, repleto de novos atores e cenários, com um ritmo acelerado dos transeuntes; a falta de tempo, as novas lojas, com modernos edifícios do centro novo cada vez mais altos. Modernidade que era estampada na capa de revistas e jornais de todo país e que acaba conseqüentemente atraindo imigrantes do interior do estado, das zonas rurais, e principalmente do nordeste, que vinham à capital da garoa atrás de nova oportunidade de vida, de crescimento pessoal e, sobretudo, de trabalho.

Os dados do IBGE nos demonstram o crescimento estrondoso da capital paulista, no ano de 1954 quando já era a maior cidade do país, tinha aproximadamente 2

milhões e 700 mil habitantes. Contudo, no início da década de 60 atingiria os três milhões.

Para verificarmos a quantidade de imigrantes, no início da década de 50, a população de São Paulo somava 2,2 milhões de habitantes, dentre os quais mais de 500 mil eram mineiros, 400 mil, nordestinos (cerca de 190 mil baianos, 63 mil pernambucanos, 57 mil alagoanos, 30 mil cearenses). A migração durante toda a década de 50 apresentava-se mais elevada por conta dos atrativos industriais paulistas.

Os imigrantes vindos do Nordeste são em grande parte devido às secas que atingiram a região na década de 1950. Outro fator determinante foi a conclusão da Estrada Rio-Bahia em 1949, o que veio facilitar bastante essa migração com os famosos "pau-de-arara". As migrações contribuíram com 56,6% do crescimento da população da região no período 1960-1970.

Esta população carente que chegava em São Paulo em busca de uma vida melhor, encontra só a favela como lugar possível financeiramente para viver, "o crescimento demográfico das periferias e de seus loteamentos se dá por dupla indução, os pobres que estão sendo expulsos de seus núcleos pelo capital ou pelo Estado, e aqueles pobres recém chegados que não encontrarão nos núcleos centrais antigas condições de moradias (cortiços etc)".(VALLADARES, 1981, p. 27) As favelas que começaram a existir desde o começo do século, tiveram um crescimento acentuado e crescente desde de 1930 até o final da década de 50.

Carolina é, portanto, tenaz em registrar em seu diário constantemente o fluxo de pessoas para as favelas: "Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração". Destacando, é claro, para o número crescente de nordestinos e os problemas referentes à superpopulação nas favelas: "Depois que a favela superlotou-se de nortistas tem mais intriga".

Podemos perceber assim que as observações críticas de Carolina, as ameaças que ela mesma fazia a todos e a tudo em seu diário, retratam a visão de uma mulher favelada em pleno crescimento descontrolado e mal administrado de São Paulo. Usei estes adjetivos: mulher e favelada, por que eles condizem muito bem com os fundamentos da "análise" de Carolina. Mulher que precisava comprar alimentos para

sustentar sua família, mulher que sabia, portanto o custo o valor das coisas, e favelada que sofreu a posição da população ignorada pelas políticas nacionais e estatais.

É quase inacreditável que nossos políticos pudessem ter feito um projeto de desenvolvimento industrial, em parceria aberta com o capital estrangeiro, sem colocar em consideração quais seriam as conseqüências para o nosso povo. A população que necessitava de formulação de políticas básicas para sobreviver, como alimentação, trabalho, moradia, saneamento básico, era inserida numa nova perspectiva de desenvolvimento, de estrutura produtiva, e de consumo em que não tinham condições mínimas de vida.

Este modelo de desenvolvimento que foi implantado no Brasil, na segunda metade dos anos 50 apenas ocultou nossas fragilidades externas e internas, oferecendo e vendendo largamente a "própria idéia de consumo", reproduzindo uma sociedade em que "As elites estão sempre pensando no próximo bom negócio; o povo, na estratégia de sobrevivência para o próximo dia." (BENJAMIM [et all], 1988, p. 14)

Bibliografia:

BELLUZO, Luís Gonzaga e COUTINHO, Renata (orgs). *Desenvolvimento Capitalista no Brasil- Ensaio sobre a Crise*. São Paulo, Ed. Globo, 1990

BRANDÃO, Juarez Rubens. *Desenvolvimento e Mudança Social*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1976

JESUS, Carolina. *Quarto de despejo*, deixar que vamos uniformizar e colocar uma só edição

MATOS, M. Izilda dos Santos. *A cidade que mais cresce no mundo*.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300008 , site acessado dia 30 de maio de 2006

VALADARES, Lícia do Prado(org.). *Repensando a Habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1983

VALADARES, Lícia do Prado. "Habitação em questão". IN SANTOS (org.), Carlos Nelson F. *Velhas novidades nos modos de Urbanização Brasileiros*: Rio de Janeiro:Ed Zahar,1981

BENJAMIM, César [Et All]. *A Opção Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed contraponto, 1998

www.wikipedia.com

www.ie.unicamp.br

www.abep.nepo.unicamp.br

www.brazzilbrief.com

www.adhemardebarros.nom.br